

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

O CONTEMPORÂNEO: O SEU LEITOR, A SUA MEDIAÇÃO¹

Jean Bessière

Jean Bessière é professor emérito de Literatura Comparada na Sorbonne Nouvelle, Paris 3, membro do Centre d'Études et de Recherches Comparatistes – Littérature Française et Comparée, Presidente honorário da Associação Internacional de Literatura Comparada e Director de várias colecções entre as quais “Bibliothèque de Littérature Générale et Comparée” nas edições Honoré Champion.

Publicou várias obras de crítica e de teoria da Literatura tais como: *Dire le Littéraire* (1990); *L'Énigmaticité de la Littérature. Pour une Anatomie de la Fiction au XX^e siècle* (1993), *La Littérature et sa Rhétorique* (1999), *Quel Statut pour la Littérature?* (2001), *Principes de la Théorie Littéraire* (2005), *Qu'est-il arrivé aux écrivains français? D'Alain Robbe-Grillet à Jonathan Littell* (2006) e *Le Roman Contemporain ou la Problematicité du Monde* (Paris, P.U.F, 2010). Nesta última, Jean Bessière retoma a reflexão sobre o romance contemporâneo já iniciada em *Qu'est-il arrivé aux écrivains français? D'Alain Robbe-Grillet à Jonathan Littell*, partindo de premissas antropológicas, cognitivas e literárias. Partindo da

¹ Jean Bessière (2010). “Le Contemporain: son lecteur, sa médiation”, in *Le Roman Contemporain ou la Problematicité du Monde*, Paris: P.U.F, coll. L'interrogation Philosophique, pp. 159-161.

tese de que o romance contemporâneo se distingue do romance tradicional pela exposição de uma problemática específica, procura situar a produção contemporânea na história do romance, percorrendo diferentes paradigmas. Ao redefini-los reflecte sobre a evolução e a própria noção de romance, evidenciando o que singulariza a produção contemporânea como explana no excerto escolhido do terceiro capítulo da primeira parte do livro onde caracteriza o romance contemporâneo no plano teórico e poético, privilegiando a importância do leitor e da mediação assim como a actualização do tempo e do espaço.

A construção paradoxal do contemporâneo, a construção da história, arranca o leitor da posição analógica que poderia ter diante da representação da história e do tempo como estipulavam o realismo, o modernismo e o pós-modernismo. *Realismo*: a representação do tempo é lida da mesma forma do que se lê a representação do real; o leitor lê e pode contar, de forma analógica, a história que transporta o tempo. *Modernismo*: Os jogos do simultaneísmo modernista são jogos de anacronismo ou de acronia que o leitor pode ler e contar segundo uma apresentação desses jogos. *Pós-modernismo*: a assunção da responsabilidade dos signos e dos tempos do passado da narrativa pós-moderna corresponde à sua actualização na narrativa, de acordo com as especificidades próprias e inalteráveis desses signos: a leitura corresponde a tal assunção de responsabilidade, tal como a própria narrativa. Pelo contrário, a construção do contemporâneo exclui tal posição analógica do leitor face às representações temporais e históricas plasmadas no romance. Suponhamos, pois, a distinção clara entre as posições simétricas da obra e do leitor e uma assimetria dessas mesmas posições. *Simetria*: fora da construção do contemporâneo, a posição do narrador conta a representação temporal e histórica, a posição atribuída ao romance na sua construção do simultaneísmo e da actualização

radical do passado são exactamente simétricas à do leitor - este pode recontar essas representações e, possivelmente, imaginar-se de acordo com essas representações temporais e históricas. Essas observações também se aplicam ao romance modernista e pós-moderno, que aparenta uma transgressão em relação às representações temporais e históricas. *Assimetria*: a leitura da representação do contemporâneo segue uma *assimetria*. O leitor não pode experimentar o contemporâneo do outro, nem o de um determinado romance visto que este contemporâneo é uma construção singular que não exige tanto o reconhecimento das sequências temporais e das suas organizações ou desorganizações, mas a identificação específica das representações em voga e do passado na actualidade, sendo que as próprias apresentações variam de um personagem para outro, de um momento do romance para outro e até de um romance para outro. No contemporâneo, não pode ser representado um tempo dos tempos, que se confunda com o tempo da história pública, com aquele que implica o simultaneísmo do modernismo, ou a actualização do passado, que caracteriza o pós-modernismo. Diante da representação do contemporâneo, o leitor só pode inscrever-se no seu próprio tempo, isto é, ser contemporâneo de si próprio e contemporâneo daquilo que foi construído segundo o contemporâneo. O que coloca ao leitor a questão da comunidade no tempo, quando é assim apresentada uma comunidade dos tempos. O contemporâneo não desenha o fim, nem da representação da temporalidade, nem o da história do mesmo modo que também não implica uma consagração do presente – contrariamente às teses que identificam a nossa actualidade com tal consagração². O contemporâneo coloca novamente a questão da representação do simbólico no tempo.

Ao tratar o contemporâneo, o romance contemporâneo desenha mediações mútuas dos tempos e, conseqüentemente, mediações

² Ver, para ilustrar este ponto, Zaki Laïdi, *Le Sacre du présent*, Paris. Flammarion, 2002.

mútuas dos espaços, todas elas mediações paradoxais que pressupõem as claras diferenças desses tempos, desses espaços e das identidades que congregam. Ora, acontece que não existe uma definição da unidade de género humano, já não vimos que o mundo não pode ser definido e vivido como uma monosfera. O que aconteceria à história segundo a qual não poderia haver um domínio político dos espaços e em que este mundo se constituiria como um modo de exterioridade geral e uma série de lugares correlacionados pela figuração que essas mediações temporais fazem. A importância atribuída ao romance pós-colonial contemporâneo deve-se ao facto de que esse romance manifestamente reúne tempos diferentes uns dos outros, na rememoração da história e na evidência da composição das suas heterogeneidades que é fruto da colonização. Essas heterogeneidades, na representação do contemporâneo, questionam qualquer ordem simbólica e impõem a questão da possibilidade de um novo todo simbólico. Pela forma como apresenta os seus tempos, o romance contemporâneo diferencia-se radicalmente do romance moderno, modernista, pós-moderno, é o romance de um só tempo apesar de poder referir-se a várias histórias, de um único mundo embora descreva muitos lugares. Os seres humanos podem identificar-se com os personagens centrais do romance porque vivem os mesmos tempos, vêm a mesma luz e apreendem da mesma maneira. Quaisquer que sejam os limites dos seus dias e das suas paisagens, este romance é uma figuração do centro do mundo. Não importa qual seja a identificação desse centro no romance, não importa quão complexo seja o seu tempo: é assim que o Yonville de *Madame Bovary*, o Dublin de *Ulysse*, o Trieste de *La Conscience de Zéno* (La coscienza di Zeno)³ foram lidos por Italo Svevo. O romance contemporâneo não desenha tais lugares, não implica uma tal generalidade da figuração do humano, implica sim uma mudança

³ Italo Svevo, *La Conscience de Zéno*, Paris, Gallimard, 1973, éd. or 1923.

das perspectivas antropológicas, um reconhecimento, na tradição do romance ocidental, daquilo que contradiz a *anthropoïesis* da individualidade e a sua antropologia. O contemporâneo é literalmente a ruptura dessa tradição porque a retoma de acordo com os paradoxos da actualidade.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE

ODETE JUBILADO

Universidade de Évora